

“Que nuestra voz se levante”: o discurso contra-hegemônico das mulheres negras e mulatas na Revista *Minerva* em Cuba no final do século XIX

“Que nuestra voz se levante”: the counter-hegemonic discourse of black and mulatto women in the Cuban magazine *Minerva* at the end of the nineteenth century

“Que nuestra voz se levante”: el discurso contrahegemónico de las mujeres negras y mulatas en la revista *Minerva* de Cuba a finales del siglo XIX

Giselle dos Anjos Santos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-4997-1698>

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as práticas de resistência e os discursos contra-hegemônicos construídos pelas mulheres negras cubanas, por meio da análise da Revista *Minerva*, publicação quinzenal organizada por mulheres negras e mulatas em Cuba entre os anos 1888 e 1889.

Palavras-chave: Mulheres negras; Mulatas; Revista *Minerva*; Cuba.

Abstract: This article aims to discuss the resistance practices and anti-hegemonic discourses constructed by Cuban black women, through the analysis of Revista *Minerva*, a biweekly publication organized by black and mulata women in Cuba in the late nineteenth century, between 1888 and 1889.

Keywords: Black Women; Mulata; *Minerva Magazine*; Cuba.

Resumen: El objetivo de este artículo es discutir las prácticas de resistencia y los discursos contrahegemónicos construídos por las mujeres negras cubanas mediante el análisis de la revista *Minerva*, una publicación quincenal organizada por mujeres negras y mulatas en Cuba entre 1888 y 1889.

Palabras clave: Mujeres negras; Mulatas; Revista *Minerva*; Cuba.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o discurso contra-hegemônico presente na Revista *Minerva*, publicação quinzenal organizada por mulheres negras e mulatas em Cuba no final do século XIX - um século marcado por inúmeras transformações na sociedade cubana, quando a ilha viveu o auge da indústria açucareira e se tornou a colônia espanhola mais próspera. O crescimento

1 Giselle dos Anjos Santos é bacharela em História pela PUC-SP e mestra em Estudos de Gênero e Teoria Feminista pela UFBA onde desenvolveu a dissertação de título “Mulheres negras em Cuba: Representações sociais em tempos de crise (1990-2012)”. Atualmente cursa o Doutorado em História Social na USP, com o projeto “Discursos sobre a mestiçagem e a democracia racial em Cuba e no Brasil: Tramas de gênero, raça e sexualidade (1933-1978)”. E-mail: santos.gisellea@gmail.com.

da mão de obra escravizada também intensificou as tensões raciais e o temor de que a ilha se transformasse em um “outro Haiti”.² Ideias que propagavam o “*miedo al negro*” foram disseminadas em inúmeros discursos, povoando o imaginário social da época. Por este motivo, as tentativas de insurreições dos escravizados e escravizadas foram rigorosamente combatidas antes mesmo de eclodirem, como ocorreu na Conspiración de Aponte em 1812 e no ciclo de revoltas que resultou na repressão La Escalera no ano de 1844 (DE LA FUENTE, 2001).

Porém, ainda que as revoltas tenham sido duramente combatidas, existiram inúmeras expressões de resistência negra, como, por exemplo, as petições judiciais desenvolvidas por escravizados e escravizadas. Segundo o estudo de Digna Castañeda (2011) sobre processos judiciais pleiteados por escravizadas durante o século XIX em Cuba, as principais motivações das petições foram para evitar a desagregação familiar; impedir a venda de negras livres como escravizadas, e reclamar o direito à *coartación* (esta prática consistia no direito que o/a escravizado/a adquiria após entregar uma quantidade de dinheiro ao seu senhor, possibilitando não ser vendido/a sem o desconto desta quantia ou a opção de comprar a própria liberdade, frente ao pagamento do restante do valor).

Além do crescimento do escravismo e das expressões da resistência negra, neste período também cresceu o chamado grupo de “pessoas de cor livres”. Existia uma parcela significativa da população negra liberta nos centros urbanos durante as primeiras décadas do século XIX. De acordo com Luz Mena (2007, p. 75), na cidade de Havana 23% da população urbana estava composta por negros e negras livres entre 1830 e 1840. Deste percentual, pouco mais da metade eram de mulheres que trabalhavam fora de casa.

O século XIX também foi marcado pelas lutas de independência política de Cuba frente à Espanha. Ocorreram três guerras contra o poderio espanhol: a Guerra dos Dez Anos, entre 1868-1878; a Guerra Chiquita, de 1879-1880; e o terceiro conflito, de 1895 a 1898. Frente às históricas tensões raciais, como as inúmeras divergências sobre o fim do trabalho escravo e a inserção da população negra na sociedade cubana, envolvendo as lideranças dos movimentos de independência, intelectuais e a elite que se beneficiava desta mão de obra, a abolição da escravidão ocorreu em Cuba apenas em 1886 (DE LA FUENTE, 2001). Esta foi, portanto, a penúltima libertação do continente americano, anterior somente ao processo que ocorreu no Brasil em 1888.

Em Cuba, antes e depois da abolição, foram criadas sociedades negras. Durante o contexto de luta pela independência, a partir de 1878, a população negra passou a se articular nas Sociedades de Instrucción y Recreo de Pardos y Morenos. Essas associações foram importantes coletivos que impulsionaram ações em prol da população negra, como: a igualdade de direitos, a eliminação da discriminação racial, a obtenção de direitos civis, a superação educacional

2 Os ecos da Revolução Haitiana foram propagados por todas as Américas e Caribe, impulsionando o temor das elites coloniais em diferentes territórios de que as rebeliões escravas se disseminassem no interior dos sistemas escravistas (DE LA FUENTE, 2001).

e cultural, a luta pela independência de Cuba, a perpetuação dos rituais e costumes ancestrais, a busca pela unidade política, entre outras questões. Algumas associações possuíam instâncias femininas que atuaram em defesa das mulheres e das famílias negras (MONTEJO, 2004).

No ano de 1887 existiam 139 sociedades negras espalhadas por toda a ilha. Após a promulgação da lei de associações em 1886, muitas delas passaram a integrar o Directorio Central de las Sociedades de la Raza de Color, que existiu entre 1886-1894, sob o comando de Juan Gualberto Gómez.³ Ele também foi o fundador do jornal *La Fraternidad* (1879–1890), que tinha a finalidade de combater a escravidão e lutar pelos direitos civis⁴ da população negra (SCHMIEDER, 2018).

O jornal fundado por Juan Gualberto Gómez soma-se a outros exemplos.⁵ A imprensa negra foi um importantíssimo instrumento de expressão das reivindicações políticas deste grupo na sociedade cubana no século XIX, pois, estes jornais “sostenían un contra-discurso subalterno que se dirigía contra el discurso hegemónico racista de la *élite* criolla blanca” (SCHMIEDER, 2018, p. 437). Este papel contra-hegemônico será aprofundado quando discutirmos a produção das mulheres negras e mulatas na Revista *Minerva*, a seguir.

Para a construção desta análise são fundamentais as categorias de gênero,⁶ raça,⁷ interseccionalidade⁸ e discurso,⁹ bem como os conceitos de hegemonia e contra-hegemonia.¹⁰

3 Juan Gualberto Gómez (1854-1933), filho livre de pais escravizados, viveu por oito anos na França. Ele atuou em diferentes jornais cubanos, escrevendo em defesa dos direitos e da igualdade de oportunidades para a população negra. Posteriormente, no contexto da República, foi deputado e senador anti-machadista (POUMIER, 2007).

4 Segundo Aline Helg (2000, p. 70), ao criar o Directorio Central de las Sociedades de la Raza de Color, Juan Gualberto Gómez foi acusado pelo governo espanhol e jornalistas cubanos de buscar aglutinar negros e mulatos no diretório com a finalidade de instaurar uma divisão racial entre esses e os brancos, e esta iniciativa culminaria em uma guerra de raças em Cuba.

5 Alguns dos jornais da imprensa negra que existiram neste contexto, foram: *El Ciudadano*; *El Hijo del Pueblo*; *El Hijo del Pueblo*; *La Unión*; *El Herald*; *La Lealtad*; *La Fraternidad*; *El Pueblo*; *La Armonía*; *La Igualdad*; *La Nueva Era*; *El Nuevo Criollo* (GARVE, 2012, p. 54).

6 No que tange à discussão de gênero, partilho das considerações de Joan Scott, que compreende que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos, instituindo-se como uma forma primária das relações significantes de poder (SCOTT, 1995).

7 A respeito da categoria de raça, partilho da definição conceitual da antropóloga Verena Stolcke que não a compreende a partir de uma noção biológica, mas como um construto histórico-social que legitimou práticas de subordinação e hierarquização de diferentes grupos sociais. Assim, embora a raça não exista em termos biológicos, está presente no imaginário social por meio de classificações hierarquizadas de grupos e indivíduos (STOLCKE, 1991).

8 No tocante à categoria de interseccionalidade, utilizamos como referência o conceito proposto pela professora de Direito Kimberlé Crenshaw. Segundo ela, a categoria de interseccionalidade “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

9 Compreende-se aqui o termo discurso, dentro da acepção proposta pelo filósofo Michel Foucault (1999), como um arquivo de imagens que forjam uma linguagem comum, possibilitando representar sentidos e conhecimentos sobre um determinado tema.

10 O conceito de hegemonia aqui utilizado está baseado na obra de Antonio Gramsci (1999). O autor defende

DISCURSO HEGEMÔNICO SOBRE AS MULHERES NEGRAS E MULATAS EM CUBA NO SÉCULO XIX

A violência sexual contra as mulheres negras foi um mecanismo inseparável da dinâmica opressiva que engendrou o trabalho escravo nas Américas (DAMASCENO, 2008; GARCÍA, 2009; STOLCKE, 1991, 1991b). Desta forma, a construção de uma dupla moral sexual foi essencial para a constituição do sistema escravista, inclusive na sociedade cubana, como afirma a historiadora Aline Helg (2000):

El temor sexual se basaba en los estereotipos más comunes de la bestia negra y el salvaje africano, y en la creencia en la presunta lujuria innata de los negros. En un país como Cuba, donde las mujeres blancas eran menos numerosas que los hombres blancos, la imagen del violador negro estimulaba a los hombres blancos a defender a sus esposas e hijas, en especial durante las guerras y las rebeliones. Sin embargo, no había una imagen del violador blanco de mujeres negras, cosa que ocurría ciertamente en la realidad por lo menos hasta el fin de la esclavitud. Al contrario, las contrapartes femeninas del violador negro eran la mulata seductora y la negra lujuriosa, una fantasía que liberaba a los hombres blancos de culpabilidad por violación u opresión sexual y los transformaba en víctimas de las mujeres cubanas de color (HELG, 2000, p.24).

Assim, a partir de discursos baseados na representação do primitivismo sexual dos africanos e africanas foi consolidada a dupla moral sexual, que gerou uma espécie de “escusa moral” frente aos estupros sistemáticos empreendidos por homens brancos contra mulheres negras, já que eles eram provavelmente seduzidos pela lascívia incontrolável das mesmas.

Verena Stolcke (1991, p. 70) afirma que foi fundamental para o desenvolvimento do projeto colonial o controle da sexualidade e capacidade feminina de procriar, por meio de leituras hierarquizadas que visaram distinguir as representações sociais entre as mulheres brancas, simbolizadas como ícones de pureza, e as mulheres negras, associadas a figuras libidinosas.

Tais representações foram sedimentadas ao longo do período colonial a partir de diversas práticas discursivas. Exemplo disto é o ditado popular que circulava em Cuba durante o século XIX: “no hay tamarindo dulce ni mulata señorita” (STOLCKE, 2017, p. 26). Para Salvador Méndez (2018, p. 158), “el discurso hegemónico sobre la femineidad afrodescendiente fue interiorizado a lo largo de un lento y gradual proceso pedagógico normativo”.

Até porque, existiram diversas fontes de difusão das representações estereotipadas sobre as mulheres negras e mulatas, como, por exemplo: o discurso médico eugenista, artigos sobre costumes, o teatro bufo, a imprensa jocosa-séria, as músicas (especialmente a

que a hegemonia está pautada pelas mediações entre a economia, o Estado e os grupos sociais, que edificam disputas simbólicas de sentido e poder na construção dos imaginários sociais. Neste processo, frente ao exercício da força, é necessário o consentimento. Já o conceito de contra-hegemonia foi aprimorado especialmente a partir da produção de outros teóricos sobre a obra de Gramsci, como a discussão de Raymond Williams sobre os grupos subalternos (WILLIAMS, 1979).

guaracha, habanera e o son); a litografia, a poesia e a literatura, além das *marquillas cigarreiras* (MÉNDES, 2018; STOLCKE, 2017).

Por exemplo, durante o século XIX as mulheres negras e mulatas foram alvos de estudos de médicos eugenistas, pautados pelo racismo científico,¹¹ que construíram discursos que as classificavam como agentes de contágio de enfermidades físicas e morais (MENA, 2007, p. 78). A partir disso foram estabelecidas associações entre a figura da mulher negra e o exercício da prostituição.¹² O Hospital de Higiene de La Habana, fundado em 1873 com a finalidade de recluir e “curar” as prostitutas enfermas da cidade, foi uma das instituições que mais se empenhou para desenvolver as teorias eugenistas no contexto cubano (GARCÍA, 2009).

De modo geral, a maior parte dessas práticas discursivas enfatizaram a figura das mulatas, como ilustra o ícone da “mulata de rumbo” construído pela “arte costumbrista”.¹³ A historiadora Maria del Carmen Barcia (2003) aponta que a imagem da mulata é essencial para a compreensão do imaginário social vigente durante o século XIX, uma vez que sua representação foi primordial para a construção da identidade nacional cubana. Até porque, como defende Melisa Blanco (2006), a figura da mulata materializava em seu próprio corpo as disputas e tensões existente na sociedade cubana do período. Devido a sua constituição híbrida, seu corpo representava com primazia a disputa dos parâmetros de “civilização” (branquitude) e “barbárie” (negritude) presentes nos debates sobre o ideal de nação. Por isto, dominar o corpo e a sexualidade das mulheres negras e mulatas, por meio das relações inter-raciais e do branqueamento da população, simbolizou a tensão de encaminhar a nação em direção ao desenvolvimento (branquitude) ou ao retrocesso (negritude) (BLANCO, 2006, p. 84). Inclusive, evidenciando a vigência de um discurso (fetichista) que defendia o

11 No final do século XVIII e durante o século XIX a “raça” passou a ser objeto de teorização científica em todos os campos do saber. Foram desenvolvidas classificações raciais dos grupos humanos, apontando características físicas para instituir hierarquias sociais, e assim demonstrar a superioridade da “raça” branca sobre as demais “raças”. Uma vez que a civilização foi associada aos brancos e seus atributos físicos, defendeu-se a existência de uma superioridade cultural indiscutível, enquanto as outras raças foram associadas à barbárie ou à selvageria. As produções do racismo científico foram permeadas pelas disputas em torno dos movimentos de expansão europeia, como a colonização e o imperialismo, além dos projetos de nação e os nacionalismos europeus (WIEVIORKA, 2007, p. 19-24).

12 O fenômeno social da prostituição, uma problemática que atribuiu a Cuba a imagem de “burdel del Caribe” desde o final do século XIX, não foi uma prática desenvolvida apenas por mulheres negras e mulatas, visto que mulheres brancas, e inclusive homens, também desempenhavam tal atividade. De acordo com Elizalde (1996, p. 32), após a Guerra dos Dez Anos, cresceu significativamente o número de mulheres brancas se prostituindo e esses índices aumentaram ainda mais com o conflito bélico de 1895. Todavia, o discurso sobre a atuação das mulheres brancas como prostitutas não teve a mesma conotação, nem assumiu as mesmas proporções das críticas de que as mulheres negras foram alvo.

13 Segundo Madeline Cámara, “Mulata de rumbo se denominó a un personaje creado por la literatura y el arte costumbrista del siglo XIX cubano (Gelabert y Landaluce) que se caracteriza por ser una mujer de clase social baja, de costumbres morales libertinas, que gusta de los bienes materiales pero no del trabajo, y que por lo general usa un atuendo calcado de la mujer blanca criolla pero aderazado con detalles y colores pintorescos del gusto de la raza africana” (CÁMARA, 2003, p. 21).

branqueamento, circulava neste período a anedota que afirmava que a mulata “fue el único, pero excelente invento de los españoles de la isla” (BARCIA, 2003, p. 39).

Tais tensões e representações estereotipadas proliferaram de forma abundante na literatura ao longo do século XIX, por meio de narrativas que atribuíram a hipersexualidade enquanto característica central das personagens de mulheres negras, e especialmente mulatas (UXÓ, 2010). O principal exemplo disto é a novela *Cecilia Valdés*, de Cirilo Villaverde (2008) publicada em 1882,¹⁴ que é considerada uma das principais obras da literatura cubana.

Por meio da narrativa sobre o romance entre Cecilia, uma mulata “praticamente branca”, e Leonardo Gamboa, um homem branco da elite, foram expostas as transgressões de gênero, raça e sexualidade existentes na sociedade escravista. A trama revela que Cecilia é filha bastarda de Don Cândido Gamboa, o senhor de engenho pai de Leonardo, portanto, ambos são irmãos e tal envolvimento representa um crime incestuoso. A obra possui um final trágico, onde Leonardo foi assassinado por Pimienta, mulato apaixonado por Cecília, enquanto ela foi enviada para um hospital psiquiátrico. Tal desfecho condena a filha do casal a viver como bastarda, assim como a própria Cecilia viveu.¹⁵

Cecilia, a protagonista do livro de Villaverde, iniciou uma saga de personagens de mulatas sedutoras que rechaçavam o casamento com homens negros e mulatos, por julgarem que o casamento com homens brancos possibilitaria “adelantar la raza”, e consequentemente, a sua ascensão social. Parece-nos relevante analisar a descrição que o autor erige acerca de Cecilia:

Porque a una frente alta, coronada de cabellos negros y copiosos, naturalmente ondeados, unía facciones muy regulares, nariz recta que arrancaba desde el entrecejo, y por quedarse algo corta alzaba un sí es no es el labio superior, como para dejar ver dos sartas de dientes menudos y blancos. Sus cejas describían un arco y daban mayor sombra a los ojos negros y rasgados, los cuales eran todo movilidad y fuego. La boca tenía chica y los labios llenos, indicando más voluptuosidad que firmeza de carácter. Las mejillas llenas y redondas y un hoyuelo en medio de la barba, formaban un conjunto bello, que para ser perfecto sólo faltaba que la expresión fuese menos maliciosa, si no maligna (VILLAVERDE, 2008, p. 25).

Desta forma, Villaverde atesta a existência de falta de caráter e um lado maligno em Cecilia, por meio de leituras sobre suas características fenotípicas. Tal interpretação está vinculada às teorias do racismo científico e ao pensamento médico-eugenista, que vigoraram

14 A primeira versão de *Cecilia Valdés*, no formato de conto, foi publicada em 1839. Somente em 1882 houve a publicação da versão definitiva da obra de Villaverde (UXÓ, 2010, p. 138).

15 Existem diferentes interpretações sobre a obra de Cirilo Villaverde. Para Antonio Benítez-Rojo (2009), por meio da narrativa o autor demonstra que a corrupção moral da escravidão corrompe a toda a população, incluindo brancos, negros e mulatos, sem exceções, além de transmitir a mensagem de que o passado escravista e o racismo impossibilitam a reconciliação entre os cubanos.

no final do século XVIII e durante o século XIX em inúmeros países europeus e latino-americanos, inclusive em Cuba (GARCÍA, 2009; MENA, 2007).

A construção desta personagem expõe as hierarquias de gênero, raça e sexualidade, tal como a posição subalterna atribuída às mulheres negras e mulatas na sociedade cubana neste período. Denominada pelo personagem de Leonardo Gamboa como “un diablito en figura de mujer” (VILLAVERDE, 2008, p. 344), Cecilia encarna a imagem do *outra* feminino, simbolizando a oposição ao marianismo imperante, ao qual se enquadra a imagem da mulher branca, representada com características virginais e submissas.¹⁶ A construção da personagem mulata como “mulher caída” e antítese da mulher branca se apoia na concepção de duplo critério moral.

Porém, ainda que este discurso produzido majoritariamente por homens brancos tenha sido propagado por meio de diferentes veículos, como a literatura, a imprensa e a música, se consolidando como hegemônico, as próprias mulheres negras e mulatas contestaram tais representações, criticando a dupla moral sexual racista. O texto de Lucrecia González no Jornal *La Armonía*, em 1882, evidencia tal questionamento:

Papagayos eternos de la moralidad y decoro, que nunca han sentido latir su corazón con la calma que debe reinar en el pecho de todo hombre honrado. Pues el que se burla de la inocencia de una virgen, el esposo que desprecia las dulces uvas del hogar doméstico y el hombre que desconoce las ventajas que nos brinda la amistad, jamás podrán llevar ni el más pequeño óbolo á la urna del progreso (GONZÁLEZ, 1882 *apud* MÉNDEZ, 2018, p. 158).

Ou seja, previamente à abolição da escravidão em Cuba (1886), as mulheres negras já questionavam explicitamente as hierarquias de gênero, raça e a dupla moral sexual. Em diálogo com o contexto a autora problematiza e coloca em xeque o sentido contraditório entre o discurso moral e a conduta masculina, frente aos objetivos de progresso e à construção da nação cubana. Além disso, o texto de Lucrecia explicita que antes mesmo da constituição da Revista *Minerva* já circulavam expressões das contranarrativas produzidas por mulheres negras e mulatas na imprensa negra cubana.

16 O personagem de Leonardo Gamboa realiza uma comparação entre Cecilia e Isabel, sua noiva branca, onde explica que seria impossível decidir-se entre uma das duas, devido à existência de posições dicotômicas entre ambas; com relação a Cecilia ele afirma: “es toda pasión y fuego, es mi tentadora, un diablito en figura de mujer, la Venus de las mula... ¿Quién es bastante fuerte para resistírsele? ¿Quién puede acercársele sin quemarse? ¿Quién al verla no más no siente hervirle la sangre en las venas? ¿Quién la oye decir: te quiero, y no se le trastorna el cerebro cual si bebiera vino?” Já sobre Isabel, ele diz: “Bella, elegante, amable, instruida, severa, posee la virtud del erizo, que punza con sus espinas al que osa tocarla. Estatua, en fin, de mármol por lo rígida y por lo fría, inspira respeto, admiración, cariño tal vez, no amor loco, no una pasión volcánica” (VILLAVERDE, 2008, p. 344-345). Contudo, o personagem expõe que são precisamente as características de Isabel que um homem deve buscar em uma mulher para contrair matrimônio, já com relação a Cecilia, afirma “No me ha pasado jamás por la mente casarme con la de allá, ni con ninguna que se le parezca” (2008, p. 345). Este discurso demonstra-se revelador das hierarquias sociais que permeavam a figura de mulheres negras e brancas na sociedade cubana, distanciadas pela existência de um duplo critério moral.

REVISTA MINERVA: DIFUSÃO DO DISCURSO CONTRA-HEGEMÔNICO DAS MULHERES NEGRAS E MULATAS EM CUBA

Maria del Carmen Barcia (2003; 2011) destaca que o século XIX em Cuba foi repleto de transformações, especialmente depois da Guerra de los Diez Años (1868-1878), que gerou múltiplas e transcendentas mudanças políticas, sociais e culturais. Segundo a autora, “el período finisecular estuvo cargado de acciones y reacciones que hicieron de esta etapa una de las más interesantes [...] de la historia de Cuba” (Barcia, 2011, p. 77).

Dentre as inúmeras mudanças significativas, que atingiram também o campo legal, ocorreram as seguintes aprovações: a lei de imprensa em 1879, a lei de liberdade de reuniões em 1880 e a lei de associações em 1886 – bem como a própria abolição definitiva da escravidão, também em 1886. A partir disto passaram a proliferar jornais e revistas de diversos tipos e tendências políticas na ilha, ocorreu inclusive o crescimento da imprensa feminina,¹⁷ da imprensa negra e demais setores marginalizados, como as prostitutas¹⁸ (Barcia, 1996; 2011).

Contudo, a imprensa feminina – especialmente na primeira metade do século XIX – foi constituída de um discurso de teor conservador. Tais produções, que eram dirigidas por homens, foram:

concebidas fundamentalmente como instrumento para la educación moral de la mujer en los cánones patriarcales de subordinación al hombre, de abnegación, pudor y modestia como máximas virtudes femeninas; del respeto a sus “sagrados” deberes en tanto esposa, madre y guardiana de la paz del hogar, y a la inviolabilidad “natural” de los límites entre las esferas pública y privada (MONTERO, 2007, p.124).

Ainda assim, Brígida Pastor (2002) aponta que as revistas femininas foram o principal veículo para a difusão da produção de escritoras no século XIX. Contudo, a proliferação de escritoras mulheres que ocorreu neste período encontrou grande resistência, pois “las mujeres no sólo sufrieron discriminación en el mundo literario sino que también se las acusó de ignorar su papel de madres y esposas cuando decidieron convertirse en escritoras, ya que la femineidad y la intelectualidad eran forzosamente opuestas” (PASTOR, 2002, p. 29).

Discursos como o de Teodoro Llórente exemplificam a vigência deste imaginário preconceituoso: “la poesía ha de estar siempre en el corazón de la mujer, en sus labios algunas veces; pero nunca en su pluma. La mujer que abre su corazón a sus lectores está muy expuesta a perder lo que constituye el mayor atractivo de su sexo” (PASTOR, 2002, p. 29 *apud* PALMER, 1991, p. 15). Ou seja, para este autor as poetisas representavam uma ameaça à

17 A imprensa feminina existe em Cuba desde 1811, com a publicação do *El Correo de las Damas*. Diversos veículos surgiram ao longo do século XIX, tais como: *La Moda o Recreo Semanal del Bello Sexo* (1829); *Ramillote Habanero* (1854); *La Noche* (1864); *El Céfitro* (1866); *Las Hijas de Eva* (1874); *El Recreo de las Damas* (1876), *La Familia* (1884), entre outros (GONZÁLEZ, 2011).

18 Barcia (1996) analisou o jornal *La Cebolla*, que foi fundado por prostitutas e meretrizes no ano de 1888 com o objetivo de defender os interesses deste grupo, historicamente marginalizado.

imagem de docilidade e passividade atribuída as mulheres, que deveriam inspirar os poetas, mas nunca protagonizar a escrita.

Porém, colocações como a de Teodoro Llórente referem-se a mulheres brancas, consideradas sinônimos de pureza. Se a feminilidade e a intelectualidade foram classificadas como condições opostas, tratando especificamente das mulheres negras esta seria uma incongruência ainda maior. A produção escrita feminina, seja por meio de poesia, literatura ou na imprensa foi desenvolvida majoritariamente por e para as mulheres brancas. As mulheres negras e mulatas estavam excluídas e invisibilizadas da imprensa feminina produzida até então (MÉNDEZ, 2018). Pois, ainda que as mesmas representassem 33,8% da população feminina, de modo geral, a população negra letrada era de apenas 12,3 % (BARCIA, 2011, p. 81).

Contudo, existiram expressivos exemplos que subverteram este padrão, seja no campo da poesia ou da imprensa. Como demonstra a trajetória de Mercedes Matamoros (1851-1906), que foi uma importante poetisa afrocubana, cujos poemas foram recitados até por José Martí – considerado “O Apóstolo” da Independência de Cuba (POUMIER, 2007). Ela tratou em suas poesias sobre separatismo, direitos da mulher, bem como discriminação e resistência negra, como ilustra a poema *La muerte del esclavo*:

Mas de su cuerpo ante la masa yerta
no se alzaré mi voz conmovedora
para decirle: -¡Lázaro, despierta!
¡Atleta del dolor, descansa al cabo!,
¡que el que vive en la muerte nunca llora,
y más vale morir que ser esclavo!
(MATAMOROS, 1892 *apud* POUMIER, 2007)

As palavras de Mercedes Matamoros evidenciam que a poesia e a crítica social também foram armas muito bem utilizadas pelas mulheres negras e mulatas. Já no âmbito da imprensa, além do exemplo de Lucrecia González no Jornal *La Armonía*, citado acima, de mulheres negras que escreveram para veículos da imprensa negra em geral, existiram as publicações específicas organizadas por mulheres negras.

Segundo Victoria Sueiro Rodríguez (2002; 2013), a sociedade de instrução e recreio de mulheres negras e mestiças Las Hijas del Progreso, que foi criada em 1879 na província de Cienfuegos, vinculada à sociedade de homens negros El Progreso, fundou o jornal *La familia* em 1884. Esta publicação quinzenal foi “un periódico literario y religioso” (SUEIRO, 2013, p. 79). As integrantes da sociedade Las Hijas del Progreso e Colaboradoras¹⁹ do jornal, que eram em

19 Entre as integrantes do jornal *La Familia* encontravam-se as seguintes colaboradoras: Caridad González, Concepción Gutiérrez, Ana Ventura Olivera, Flora Olivera, Ana Ventura Rodríguez, Victoriana Ayala, Cristina Ayala, Nieves Acosta, Martina Tillet, Caridad Santana, Josefa Lemus, Francisca Cañizares, Julia Viroso, Filomena Berrayarza, Lorenza Sánchez, Eduvigis Pérez, Úrsula Coimbra, Marina Coimbra, Dorotea Almeida, Ana Joaquina Sosa, Natividad González e Eloísa González.

sua maioria professoras, também fundaram uma escola para meninas negras. Mas o jornal deixou de existir no mesmo ano em que foi lançado, devido a problemas financeiros.

Outro exemplo importantíssimo neste sentido foi *Minerva: A Revista Quincenal Dedicada a la Mujer de Color*,²⁰ publicada na capital Havana entre novembro de 1888 e julho de 1889. A revista foi proeminente, sendo distribuída para todas as províncias da ilha, além de Cayo Hueso e Nova York, locais de expressiva imigração cubana. Seu nome trazia referência à Minerva, deusa romana das artes, da ciência e da sabedoria (BARCIA, 2011).

O grupo de autoras da revista era composto por mulheres negras e mulatas letradas de diferentes partes da ilha, oriundas de famílias negras livres de camadas da classe média, bem como de ex-escravizadas.²¹ As colaboradoras mais assíduas da revista foram: Úrsula Coimbra de Valverde – quem escrevia com o pseudônimo de Cecilia, que será discutido mais adiante – América Font, África Céspedes, Lucrecia González, Pastora Ramos, Cristina Ayala, entre outras. Inclusive, várias mulheres de Cienfuegos que escreveram para o jornal *La Familia* também estão entre as principais colaboradoras da Revista *Minerva*.²²

De acordo com a legislação deste período, as mulheres não podiam ocupar cargos, ao menos que fossem viúvas. Desta forma, homens negros²³ ocuparam a posição de direção e administração da revista de forma burocrática, sendo que Miguel Gualba²⁴ foi o diretor, já Enrique Cos e Américo Arenosa foram administradores em momentos distintos (BARCIA, 2011, p. 81).

A revista abordava temáticas diversas, dentre elas debates sobre a vida social e até mesmo os esportes, porém, os principais temas abordados foram: a poesia, a defesa da educação e da ilustração, além de reflexões morais (COLÓN, 2016). Com relação à questão poética, destaca-se que algumas das colaboradoras da revista eram poetisas, como Onatina, Lucrecia González, Cristina Ayala, entre outras (BARCIA, 2011, p. 91).

20 Infelizmente, os exemplares da Revista *Minerva* que se encontram no acervo da Biblioteca Nacional José Martí estão impossibilitados de serem consultados devido ao seu péssimo estado de conservação. Por este motivo, faço referência aos textos da revista por meio de extratos transcritos em trabalhos publicados anteriormente (BARCIA, 2011; COLÓN, 2016, 2016b; MÉNDEZ, 2018).

21 Um dos exemplos neste sentido é a ex-escravizada letrada María Angela Storini, que colaborou com a revista. Antes disso, durante a Guerra dos Dez Anos, ela chegou a residir com os seus antigos senhores nos Estados Unidos, França, Alemanha e Itália.

22 Segundo Victoria Sueiro (2013), várias das mulheres que escreveram para o jornal *La Familia* também escreveram para a Revista *Minerva*, como: Úrsula Coimbra; Onatina; Natividad González e Cristina Ayala. Depois de Havana, a província de Cienfuegos foi o local onde existiram mais promotoras da revista em toda a ilha. Para a autora, “las mujeres cienfuegueras encontraron en la publicación habanera el nuevo eslabón de la cadena que había quedado interrumpida con la desaparición de La familia” (SUEIRO, 2013, p. 84).

23 Alguns destacados intelectuais negros também tiveram textos publicados na Revista, como Martín Morúa Delgado, Rafael Serra, Antonio Medina Céspedes – primeiro homem negro a dirigir um jornal cubano: *El Faro*, em 1842 (BARCIA, 2011, p. 91).

24 Segundo Schmieder (2018), Miguel Gualba foi um dos principais colaboradores de Juan Gualberto Gómez na redação do jornal *La Fraternidad*.

Já a questão educacional motivou inúmeras discussões na revista, como evidenciam as palavras escritas por Felipa Basilio em janeiro de 1889:

No temáis que el estudio y la ilustración hagan perder a la mujer ninguna de sus encantadoras debilidades, por el contrario cuanto más educada, será más mujer porque podrá comprender mejor la grandeza de su misión, sabrá colocarse no por encima, sino al nivel de su esposo, y este encontrará en ella, no una instruida esclava pero sí una amante compañera (BASILIO, 1889 *apud* COLÓN, 2016b, p. 46).

A posição de Felipa Basilio sobre educação ilustra diferentes aspectos que merecem ser discutidos. Identificamos um lado explicitamente progressista na sua reivindicação do direito feminino à educação, e especialmente quando salienta a posição das mulheres ao lado dos homens, postulando uma condição de igualdade. Inclusive, a contraposição da figura da “escrava” versus ao da “companheira” pode indicar uma crítica à condição das mulheres negras, que, mesmo após a abolição, poderiam se manter subalternizadas (como escravizadas) no matrimônio.

Contudo, não podemos perder de vista a menção da autora ao que seriam as “encantadoras debilidades” femininas. Felipa Basilio, enquanto atriz social do seu tempo, demonstra uma concepção progressista, mas também explícita e propaga os discursos de gênero vigentes no século XIX que associavam as mulheres à noção de fraqueza física (e também moral) (PASTOR, 2002). As “debilidades” atribuídas às mulheres foram escusas morais utilizadas historicamente para justificar as hierarquias de gênero nas sociedades ocidentais (MONTERO, 2007). Até porque a dita fraqueza releva a comparação das características femininas com a figura dos homens. Porém, tal noção não se estendeu a todos os subgrupos de mulheres, já que com o tráfico atlântico as mulheres de origem africana foram obrigadas a trabalhar nas Américas, tanto quanto os homens negros escravizados.

Outro exemplo da importância atribuída à educação na Revista *Minerva* está presente no texto de María Angela Storini, ex-escravizada letrada, que também defendeu o acesso das mulheres negras à educação e ainda fez uma proposta:

la educación de la mujer de nuestra raza, ni los hombres, ni mujeres se ocupan de eso; para muchos el educar a la mujer es cuestión de adorno, de la cual se puede prescindir. Error lamentable, causa de la cual se deriva la mayor parte de los males que lamentamos en el presente, consecuencia lógica de otros muchos que lamentaremos en el porvenir. Y pregunto ahora, ¿hemos de seguir siempre así? ¿Seguiremos impávidas contemplando el estado de decadencia moral en que vivimos por la falta de ilustración? [...] constituir, repito, una asociación para la enseñanza de la mujer de nuestra raza; en donde podamos aprender todas, tanto la niña como la mujer ya hecha, todo lo necesario e indispensable de nuestros deberes, una asociación que responda a todas nuestras necesidades morales (STORINI, 1888 *apud* COLÓN, 2016b, p. 43-44).

A proposta de construção de uma associação destinada à educação de meninas e mulheres negras, partindo de uma ex-escravizada, se demonstra muito significativa, já que a maioria da população negra não era letrada neste período. A criação de escolas também

era uma das propostas e ações realizadas pelas Sociedades de Instrucción y Recreo de Pardos y Morenos, como ilustra o exemplo já mencionado da escola organizada pela sociedade Las Hijas del Progreso. Segundo Barcia (2011), a revista divulgou com frequência as atividades das sociedades negras, especialmente as propostas sobre educação, como a iniciativa da sociedade La Divina Caridad, que desejava construir uma escola. A autora destaca a existência de uma grande proximidade entre esses grupos, pois “las integrantes de los comités benéficos estaban relacionadas, de una u otra forma, con las redactoras que colaboraban con la revista, o con su dirección” (BARCIA, 2011, p. 90).

Também esteve presente na revista a crítica à escravidão e à dupla moral sexual que a acompanhou:

no os debe importar el sarcasmo de aquellos que tanto hacen; pues si algo alcanzan, demuestran a las claras que solo se inspiran en el deseo de sumir en la inacción a la raza que por luengos años, les ha servido de motor para abastecer sus anaqueles de oro y para saciar por la fuerza (las más de las veces) sus avaros apetitos (LANITA, 1888 *apud* COLÓN, 2016b, p. 49).

Com relação à temática das reflexões morais, acreditamos ser notória a presença de valores ligados a questões de ordem religiosa em algumas passagens, como, por exemplo, as constantes defesas do matrimônio. Felicia Valdés é uma das colaboradoras que expressa tal posição: “La época de los hijos uterinos, de los hijos de padres no conocidos pasó ya. Esa época de baldón y vergüenza [...] tuvo su razón de ser cuando nuestra condición de esclavas cortaba nuestras aspiraciones hacia lo grande y sublime que es el matrimonio” (VALDÉS, 1889 *apud* MÉNDEZ, 2018, p. 158).

Contudo, os casamentos não foram valorizados apenas pelas autoras da revista - como afirma Stolcke (2017, p. 26), o matrimônio representava um importante símbolo de status, justamente “porque estaba reservado a iguales sociales”. Assim, para superar os impedimentos existentes para as mulheres negras no contexto escravista, as colaboradoras da revista salientavam as vantagens do matrimônio civil em comparação ao religioso, já que o segundo não oferecia respaldo da legitimidade da descendência, acesso à herança etc. (BARCIA, 2011).

Ao tratar sobre as reflexões morais e a defesa do matrimônio, Maikel Colón (2016, p. 46) chega a afirmar que “fiel a su tiempo, esta publicación también incorporó cierta *línea temática conservadora*”. Concordamos que existem contradições e até mesmo alguns discursos com viés hierárquico que estão atrelados aos valores da época. Porém, acreditamos que mesmo que as autoras da Revista *Minerva* aparentemente tenham refletido a moral vigente em algumas passagens, em inúmeras outras elas também transgrediram a ordem e desafiaram o status quo.

Tal viés contra-hegemônico pode ficar ainda mais nítido quando nos aproximamos da autora mais destacada da revista – justamente por cumprir um papel aglutinador junto às demais – Úrsula Coímbra de Valverde.²⁵ Além de ter contribuído na Revista *Minerva* (nas suas duas fases, entre 1888-1889 e 1910-1915), ela também escreveu para o já mencionado jornal *La familia* (1884), além do *El Nuevo Criollo* (1906-1908) - um semanário publicado e editado por Rafael Serra, destacado intelectual negro e antirracista. Neste último jornal, Úrsula publicou um conjunto de ensaios sobre *La Mujer en la Poesía Cubana* (COLÓN, 2017).



(COLÓN, 2017).

25 Segundo Maikel Colón Pichardo (COLÓN, 2017), Úrsula Coímbra de Valverde nasceu em Cienfuegos, mas passou a maior parte de sua vida em Santiago de Cuba. Ela era pianista, foi uma ótima compositora e intérprete, com uma carreira musical de destaque. Além disso, lecionava aulas de piano, inglês e francês. Assim como também atuou como escritora, colaborando com diferentes revistas e jornais.

Curiosamente Úrsula assinava seus textos na Revista *Minerva* com o pseudônimo²⁶ Cecilia. A bibliografia consultada sobre a Revista *Minerva* (BARCIA, 2011; COLÓN, 2016, 2016b, 2017; MÉNDEZ, 2018) não problematizou a opção da autora, contudo, consideramos ser fundamental a reflexão sobre a utilização deste pseudônimo.

Como discutido anteriormente, Cecilia Valdés, a personagem principal do livro de Villaverde, tornou-se uma grande referência no imaginário social cubano, enquanto ícone de mulatas interessadas em “adelantar la raza” (UXÓ, 2010). Ademais, Cecilia foi representada nesta obra com grande riqueza de detalhes em suas características físicas e grandiosa beleza, porém não são mencionados atributos intelectuais. Esta narrativa serviu para reafirmar o paradoxo entre mente e corpo presente no discurso colonial.

Os discursos sobre códigos de gênero, raça e sexualidade que vigoraram neste período foram definidos por meio de binarismos e dicotomias entre: homem/mulher; branco/negro; mente/corpo; luz/escuridão; racional/irracional; puro/impuro. A partir desses mecanismos discursivos foi construída historicamente a figuração da superioridade do homem branco europeu frente à inferioridade biológica dos *outros*, distanciados de sua imagem. Tais discursos essencialistas relacionaram características físicas do fenótipo negro e do corpo feminino a uma suposta inferioridade intelectual e comportamental desses grupos (SHOHAT; STAM, 2006; STOLCKE, 1991b).

Assim, por meio da composição desses quadros dicotômicos, a mulher negra, ao ocupar o espectro oposto do parâmetro universal da humanidade, ilustrado pela figura do homem branco (ocidental, heterossexual e proprietário), passou a representar uma posição de extrema subalternidade, por meio da “interseccionalidad de vectores de alteridad” (MÉNDEZ, 2018, p. 147). Como afirma Janaína Damasceno (2008, p. 4), o estereótipo e o fetichismo “marcam o modo pelo qual foi racionalizada a existência da mulher negra e como foi legitimada sua presença nas hierarquias mais baixas de ser humano” nas sociedades ocidentais.

Portanto, interpretamos que ao assinar os seus textos com o pseudônimo de Cecilia, Úrsula Coímbra utilizou de certa ironia para desconstruir o lugar atribuído para as mulheres negras e mulatas pelo discurso hegemônico, como “só corpo, sem mente” (hooks, 1995, p. 469). Desta forma, por meio do trabalho intelectual, ela deu voz à tão estigmatizada Cecilia. Inclusive, Úrsula defendeu na Revista *Minerva* a família e o matrimônio intrarracial:

si la raza de color desea cordialmente dignificarse, y ocupar en las funciones públicas el lugar a que están llamados todos los elementos componentes de la sociedad, empiece por formar la familia dentro de los preceptos dictados por la moral, y exigidos por las leyes. Tenga presente que sin familia no hay organización sociológica posible.

26 Segundo Victoria Sueiro (2013, p. 88), Úrsula Coímbra também utilizava o pseudônimo “La Sibila” para assinar suas publicações no jornal *El nuevo criollo*. Sibila significava na Roma antiga mulher com o dom da profecia e conhecimento sobre o futuro.

Cada hombre de color busque su esposa entre las mujeres honradas y mejor educadas de su clase; no reniegue de su raza, que eso lo abatiría más. No exija todavía que su elegida sea hija de mujer casada; recuerde que esa madre fue esclava (COIMBRA, 1888 *apud* COLÓN, 2016b, p. 45-46).

Neste extrato existe uma defesa de Úrsula da família, dentro do parâmetro hegemônico de moralidade e legalidade vigentes no período. Porém, existe uma ruptura com o modelo de moralidade, que parte de uma lógica viável para a população branca, ao passo que a autora atenta para o fato de que as mulheres negras disponíveis para o matrimônio poderiam ser filhas de mães que não teriam se casado, devido à escravidão. Ou seja, utilizando o prisma da racialidade, ela sugere uma espécie de exceção aos ditos “preceptos dictados por la moral”.

Ademais, como é possível apreender por meio da análise da foto, Úrsula possivelmente é uma mulher mestiça. Porém, diferente do discurso que está presente na obra de Villaverde e da representação que vigorava no imaginário da época, ela responde de forma contrária à expectativa de “adelantar la raza”. Neste sentido, ao invés de defender os casamentos inter-raciais, contribuindo para o branqueamento da população, Úrsula constrói outra narrativa sobre as mulheres negras e mulatas em Cuba.

Em outros escritos da autora fica ainda mais explícito o sentido e a reivindicação de uma posição contestadora:

Yo, al proclamar estas verdades, me siento orgullosa de pertenecer a una raza que por sí sola y a costa de sacrificios, procura elevarse a la altura de las demás y lucha, trabaja y estudia para vencer [...] bastante tiempo hemos tenido el dogal y la mordaza, tanto tiempo hemos callado, así pues el espíritu del siglo reclama que nuestra voz se levante (COIMBRA, [1888] 2011, p. 93 - grifos meus).

Lembrando que foram silenciadas por muito tempo, Úrsula pontua a necessidade de uma nova postura, neste outro contexto, com a aproximação da virada do século. Ela faz uma afirmação no plural (“que nuestra voz se levante”), convocando outras mulheres negras e mulatas a assumirem tal responsabilidade também.

No mesmo sentido, África de Céspedes também reivindica uma voz contra hegemônica:

enervado nuestro espíritu por el duro tratamiento de ayer y el torpe juicio de hoy, nos preparamos a la defensa en el constante batallar [...] haremos hasta que se nos considere tal como somos, y tal como a cada artista pirata le ha parecido o convenido a sus medrosos fines. ¿Nos invitáis a luchar? Pues luchemos (CÉSPEDES, 1889, *apud* COLÓN, 2016b, p. 48-49).

Desta forma, a autora tece críticas tanto ao passado escravista, como ao período pós-abolição, evidenciando a continuidade dos valores, preconceitos e hierarquias raciais e de gênero. África se posiciona de modo insurgente contra os estereótipos presentes no discurso hegemônico acerca das mulheres negras, e ao declarar que as mulheres negras estão dispostas a lutar, reivindica nitidamente uma posição combatente e contra-hegemônica.

Portanto, as mulheres negras e mulatas que protagonizaram as páginas da Revista *Minerva* questionaram e confrontaram o discurso hegemônico que lhes atribuía uma imagem pautada por estereótipos. Essas mulheres levantaram a voz e lutaram contra a subalternidade imposta pelo racismo e a opressão de gênero, construindo um discurso contra-hegemônico.

Devido a dificuldades financeiras²⁷ que foram se aprofundando ao longo do tempo, a Revista foi extinta após julho de 1889 (BARCIA, 2011). Entretanto, segundo Colón (2016), no ano de 1910 surgiu uma nova Revista *Minerva*, que, apesar de ter o mesmo título, desta vez era dirigida por homens. O subtítulo demonstrava os novos rumos: *Minerva: a Revista Ilustrada Universal*, porém, um grupo de mulheres escreviam colunas em uma seção intitulada “Páginas feministas”. Inclusive, algumas das autoras que colaboraram com a versão afro-cubana também publicaram assiduamente, como Cristina Ayala e Úrsula Coímbra de Valverde,²⁸ sendo que a última também foi uma das redatoras desta revista (COLÓN, 2017). Nesta outra fase a *Minerva* foi impressa até 1915.

Desta forma, mesmo que a primeira fase da Revista *Minerva*, focada na exposição das reflexões de mulheres negras e mulatas, tenha encerrado suas atividades após um ano, o discurso contra-hegemônico produzido por este grupo continuou circulando em Cuba. A imprensa negra foi responsável por fomentar entre a Primeira República (1902-1933) e a Segunda República (1933-1952) um crescente debate acerca da identidade nacional cubana e a temática racial (DE LA FUENTE, 2001), seja por meio das vozes dos homens negros,²⁹ como das vozes contra-hegemônicas das mulheres negras³⁰.

27 O primeiro número da revista foi vendido ao público por 75 centavos, no mês seguinte o valor foi rebaixado para 60 centavos. Já em dezembro de 1888 a revista era vendida a 50 centavos em Havana e 60 centavos nas demais províncias. Um número significativo de cubanas, dentro e fora da ilha, contribuíam financeiramente com a revista (BARCIA, 2011, p. 81).

28 Úrsula Coímbra de Valverde fez contribuições na nova fase da revista exaltando a atuação feminina: “En cuanto a nuestras mujeres, ellas convierten el erial del mundo en vergel, ellas se ve que luchan por sostener nuestra revista, porque saben que, premian el esfuerzo, el mérito y por eso tratan de colocar alto nuestro pendón para que se sepa, que en ningún tiempo ni circunstancia, dejó de ser la primera en acudir a todas las manifestaciones altas del pensamiento” (Revista *Minerva*, Sección “Páginas Feministas”, Octubre de 1911 *apud* COLÓN, 2017).

29 A discussão racial estava presente nas páginas dos principais periódicos em circulação na ilha, havia inúmeras colunas escritas por intelectuais negros que expuseram tais discussões: o jornal *La Prensa* publicou a coluna “Palpitaciones de la raza de color”, de Ramón Vasconcelos sob o pseudônimo de Tristán entre 1915-1916. O *Diario de la Marina* publicou a influente página dominical “Ideales de una raza” (1928-1931) do arquiteto e jornalista Gustavo Urrutia e a sua coluna “Armonías” (1931-1958). O jornal *Unión Nacionalista* teve durante os anos 1920 a seção regular intitulada como “La situación del elemento de color”, dirigida por Abelardo Pacheco. As atividades das associações negras eram narradas nas seções “Sociedad” de diferentes jornais. Pedro Portuondo Calá publicou “Motivos Sociales” no periódico *El País* entre os anos 1930 e 1940. Na década de 1950, *El Tiempo* publicou diversas colunas regulares dedicadas à temática racial, incluindo “1000 noticias en sépia”, de Elósegui, “Aire libre”, de Manuel Cuéllar Vizcaino, e “Sepialandia”, de Sixto Gastón Agüero (DE LA FUENTE, 2001).

30 Durante o período republicano as mulheres negras continuaram propondo reflexões sobre a sua experiência por meio da imprensa. Como expõem os exemplos dos artigos reeditados no livro *Afrocubanas* (MARTIATU, RUBIERA, 2011): “Voces negras a favor del Partido Independientes de Color”, de Carmen Piedra, pu-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, no contexto de importantes mudanças e efervescências políticas desencadeadas com o final da Guerra de los Diez Años surgiu a Revista *Minerva*, organizada por mulheres negras e mulatas em 1888 - nove anos depois da aprovação da lei de imprensa, dois anos após a abolição da escravidão e dez anos antes da independência nacional.

Uma revista escrita por mulheres negras neste cenário, discutindo os problemas sociais existentes, como o acesso à educação, entre outros temas que lhes atingiam diretamente, representou um divisor de águas, pois, o discurso hegemônico vigente até aquele momento acerca das mulheres negras e mulatas tinha sido edificado por meio de narrativas produzidas por homens brancos que se utilizaram de representações estereotipadas, pautadas em imagens hipersexualizadas.

As colaboradoras da Revista *Minerva* demonstraram ousadia ao construírem inúmeras críticas e reivindicarem a sublevação de suas vozes. Portanto, mesmo com a presença de algumas contradições, consideramos que a produção intelectual das mulheres negras e mulatas na revista constituiu-se enquanto um espaço de difusão de um discurso questionador e contra-hegemônico frente as representações vigentes acerca deste grupo.

blicado em abril de 1910 no jornal *Previsión*; "Nuestros valores étnicos", de Consuelo Sierra, publicado no *Diario de la Marina* em 1929; "Lo que somos", de Inocencia Silveira, no mesmo jornal também em 1929; da autoria de Catalina Pozo Gato, "La negra cubana y la cultura", publicado em 1930 no *Diario de la Marina*, e "La inteligencia negra", de Arabela Oño, publicado em março de 1938 no periódico *Adelante*.

BIBLIOGRAFIA

BARCIA, María del Carmen Zequeira. Entre el poder y la crisis: Las prostitutas se efienden. **Contrastes**, Revista de Historia, no. 7-8, 1991-1993. Departamento de Historia Moderna, Contemporánea y de América. Universidad de Murcia. España, 1996, p. 7-20.

_____. Mujeres em torno a minerva. In MARTIATU; RUBIERA. (comp.) **Afrocubanas**. Historia, pensamiento y prácticas culturales. La Habana: Ciencias Sociales, p. 77-92, 2011.

_____. Sociedad imaginada: La isla de Cuba en el siglo XIX. **Contrastes**. **Revista de História**, n.12, p. 21-42, 2001-2003.

BENÍTZ-ROJO Antonio. El Caribe y la conexión afroatlántica. In BENEMELIS, Juan (editor). **La memoria y el olvido**. El discurso afrocubano. Kingston, Ediciones Ceiba, p. 35-42, 2009.

BLANCO, Melisa. El ritmo del azúcar. Una epistemología de la mulata cubana. In OCHOA, María Luisa Fernández. **¡Ay, qué rico!** El sexo en la cultura y la literatura cubana. Valencia: Advana Vieja, 2º edición, p. 83-94, 2006.

CÁMARA, Madeline. Ochún en la cultura cubana: metáfora y metonimia en el discurso de la nación. Veracruz, **La Palabra y el Hombre**, enero-marzo 2003, no. 125, p. 21-34.

CASTAÑEDA, Digna Fuentes. Demandas judiciales de las esclavas en el siglo XIX cubano. In MARTIATU; RUBIERA. (comp.) **Afrocubanas**. Historia, pensamiento y prácticas culturales. La Habana: Ciencias Sociales, p. 17-29, 2011.

COIMBRA, Úrsula de Valverde. Gratitude. A mis amigas y colegas del periódico Minerva. In MARTIATU; RUBIERA. (comp.) **Afrocubanas**. Historia, pensamiento y prácticas culturales. La Habana: Ciencias Sociales, p. 93-94, 2011.

COLÓN, Maikel Pichardo. **Figuras ocultas del feminismo en Cuba**. Cuba Posible, 2017. Disponible: <https://cubapossible.com/figuras-ocultas-del-feminismo-cuba/>. Acceso: mar. 2021.

_____. Racismo y feminismo en Cuba: ¿dos mitades y una misma naranja? Claves históricas para su estudio. Barcelona, **Boletín Americanista**, año xvi. 1, n.º 72, Barcelona, 2016, págs. 179-198.

_____. Sábanas blancas en mi balcón, negra mi condición: hacia una (re)evaluación de narrativas cubanas decimonónicas sobre género, "raza" y nación en las páginas de "Minerva". **Barcelona**, Mitologías hoy, vol.13, junio 2016b, p. 39-56.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, 2002.

DAMASCENO, Janaina. **O corpo do outro**. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro. O caso da Vênus Hotentote. (2008). Disponible em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasceno_69.pdf. Acceso: jun. 2013.

DE LA FUENTE, Alejandro. **Una nación para todos**. Raza, desigualdad y política en Cuba 1900-2000. Madrid: Editorial Colibrí, 2001.

ELIZALDE, Rosa Miriam. **Flores desechables** ¿Prostitución en Cuba? La Habana: Abril, 1996.

GARCÍA, Alyssa. Nociones de honor, género y raza: La regulación del cuerpo femenino en Cuba en los contextos históricos coloniales y neocoloniales. **Revista Sexología y Sociedad**, La Habana, año 15, n. 41, 2009. Disponible em: www.cenesex.sld.cu/webs/honor.htm. Acceso em: 10 dez. 2009.

GARVE, Lucas. La prensa negra en Cuba y su discurso de la modernidad. En: **Islas. Foro Raza y Cubanidad, pasado, presente y futuro**, 7, 20, 2012, p. 53-56.

GONZÁLEZ, Julio César. Los 200 años de la prensa femenina en Cuba. Revista La Jiribilla. **La Habana**, n. 554, dezembro, 2011. Disponible em: http://epoca2.lajiribilla.cu/2011/n554_12/554_30.html. Acceso em: novembro, 2020.

- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- HELG, Aline. Lo que nos corresponde. La lucha de los negros y mulatos por la igualdad en Cuba (1886-1912). **La Habana**, Ediciones Imagen Contemporánea, 2000.
- hooks, bell. "Intelectuais Negras." **Revista de Estudos Feministas** 2 (3), 1995, p. 464-478.
- MARTIATU, Inés María; RUBIERA, Daisy Castillo (comp.). **Afrocubanas**. Historia, pensamiento y prácticas culturales. La Habana: Ciencias Sociales, 2011.
- MENA, Luz. Raza, género y espacio: Las mujeres negras y mulatas negocian su lugar en La Habana durante la década de 1830. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, nº26, p. 73-85, 2007.
- MÉNDEZ, Salvador Gómez. "Que resuene mi voz": la lucha de las mujeres afrodescendientes por la igualdad racial y de género en la prensa cubana del siglo XIX. In ÁLVAREZ, Izaskun (org). **Conflicto, negociación y resistencia en las Américas**. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, p. 141-163.
- MONTEJO, Carmen Arrechea. **Sociedades negras en Cuba 1878-1960**. La Habana, Editorial Ciencias Sociales, 2004.
- MONTERO, Susana Sánchez. Los huecos negros del discurso patriarcal. **La Habana**, Ed. Ciencias Sociales, 2007.
- PASTOR, Brígida. **El discurso de Gertrudis Gómez de Avellaneda**: Identidad femenina y otredad. (Cuadernos de América sin nombre, Centro de Estudios Iberoamericanos Mario Benedetti, 6). Alicante: Universidad de Alicante, 2002.
- POUMIER, María. **La cuestión tabú**: El pensamiento negro cubano de 1840 a 1959. Santa Cruz de Tenerife, Ediciones Idea, 2007.
- SCHMIEDER, Ulrike. Periódicos afrocubanos: la Independencia y el distanciamiento de la élite afrocubana de Haití, África y la esclavitud. In BANDAUI; BRUSKE; UECKMANN (org.) Reshaping Glocal Dynamics of the Caribbean. **Relaciones y Desconexiones**. University Publishing Heidelberg, 2018, p. 423-442.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul-dez., 1995, p. 73.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- STOLCKE, Verena. Mulheres invadidas: sexo, raça e classe na formação da sociedade colonial. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-73, 1991.
- _____. Racismo y sexualidad en la Cuba colonial. **Intersecciones**. Barcelona, Ediciones Bellaterra, 2017.
- _____. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 101-119, 1991b.
- SUEIRO, Victoria Rodríguez. Cienfuegos 1840-1898: vida y cultura en una ciudad del interior de Cuba. Tebeto: **Anuario del Archivo Histórico Insular de Fuerteventura**, nº. 15, 2002, págs. 259-290.
- _____. Modernidad y discurso feminista a finales del siglo XIX y primeras décadas del siglo XX en dos publicaciones cienfuegueras: **La familia y El álbum de las damas**. In VENEGAS; HERNÁNDEZ; VALDÉS; FÁBREGAS (coord.). Por sus fronteras las conoceréis. Región, interconexiones y sistema mundo. Saltillo, Universidad Autónoma de Coahuila, 2013, p. 75-95.
- UXÓ, Carlos. **Representaciones del personaje del negro en la narrativa cubana**. Una perspectiva desde los estudios subalternos, Madrid: Verbum, 2010.
- VILLAVARDE, Cirilo. **Cecilia Valdés**. La Habana: Letras Cubanas, 2008.
- WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva. 2007.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.